

Pressupostos, salvo engano, de uma divergência nada silenciosa: natividade, Abel Barros Baptista e Roberto Schwarz

Assumptions, Unless One is Mistaken, of a far from Silent Divergence: Nativity, Abel Barros Baptista and Roberto Schwarz

Fabio Pomponio Saldanha

Resumo: *Discutiremos os pontos de Roberto Schwarz e Abel B. Baptista, baseados na dicotomia fora/dentro, em torno da crítica machadiana e o valor do lugar do “estrangeiro”. A importância do local e da sua superação é debatida para se pensar certa postura que se constrói enquanto restritiva e excludente para ambos: se em Schwarz isso aparece com a primazia do nacional, em Baptista é sua versão da hospitalidade que o torna aporético, quando pensa o comparatismo. Por fim, as conclusões retomam Schwarz, quando se nota o sequestro de um nome (Gayatri C. Spivak) e, ao parafrasearmos alguns pontos da autora, buscamos demonstrar que é possível unir, de forma que Schwarz e Baptista não concordam, as teorias que ambos tentam defender como únicas possíveis para análise pois, em Spivak, muitas vezes, se observa a exata junção do comparatismo e do marxismo para a construção argumentativa.*

Palavras-chave: *Roberto Schwarz; Abel Barros Baptista; Gayatri C. Spivak; Crítica literária; Natividade.*

Abstract: *Points made by Roberto Schwarz and Abel B. Baptista, based on the outside/inside dichotomy around Machado de Assis’ criticism and the evaluation of the place of the “foreigners” are discussed. The importance of the local and its overcoming is debated in order to think about a certain posture that is constructed as restrictive and as excluding for both: if, in Schwarz, this appears as the primacy of the national, in Baptista it is his version of hospitality that makes his*

assumptions aporetic, when thinking about comparatism. Finally, our conclusions return to Schwarz, when we note the hijacking of a name (Gayatri C. Spivak) and, by paraphrasing some of Spivak's points, we seek to demonstrate that it is possible to unite, in a way that both Schwarz and Baptista do not agree on, the theories that both try to defend as the only possible ones for analysis because, in Spivak, we often see the exact combination of comparatism and Marxism for argumentative construction.

Keywords: Roberto Schwarz; Abel Barros Baptista; Gayatri C. Spivak; Literary criticism: Nativity.

Uma introdução em torno da piada, uma explicação em torno do método

Mesmo não sendo machadiano, escolhi retornar a um problema de pesquisas anteriores que, de certa forma, também acabava envolvendo Machado, mais por envolver tantas outras coisas a ter, invariavelmente, a figura de Machado quase tornada um palimpsesto, do que propriamente estar discutindo o autor em si. Talvez, por fim, acabe se tornando um prelúdio da vontade possível de, por tantas vezes acabar lendo e pensando de maneira mal-humorada, ser levado a ler machadianos. Essa espécie de tensão rançosa/rancorosa em torno da possibilidade de ler, falar e pensar Machado a partir, desta vez sim, de forma a tomar nossos prolegômenos de pesquisa como ferramentas não-discutíveis, cujo corolário é a própria inimizade da fomentação proibitiva de dissenso, assumem o ponto no qual gostaria de chegar.

A história parece ser conhecida até mesmo por quem não se enquadra enquanto machadiano, mas de alguma maneira cai em discussões sobre Machado de Assis nos cursos de Letras: em 1960 “revolucionou-se” a maneira pela qual entendemos a obra do escritor brasileiro, com a publicação de *The Brazilian Othello*, de Helen Caldwell, no qual a suspeição definitiva de Bentinho ocorrera a partir da comparação entre Casmurro e Otelo. Entre ciúmes, verossimilhança e a descrição de uma elite branca benevolente somente com os seus, o paradigma do pé-atrás (Baptista, 1998) ficava fincado nas leituras posteriores de Machado, sendo as mesmas, ainda assim, cada vez mais diferenciadas entre si por precisarem, no sentido de necessidade, ao mesmo tempo no sentido de tentar tornar preciso/exato, definir quem, o quê e como se pode ler Machado de Assis de forma definitiva, precisa, gerando herança.

Sigamos, então, os frutos dessa relação entre a produção estadunidense e a brasileira,

passando também por Portugal, para que cheguemos aonde de fato gostaria de chegar. Acompanhando os autores escolhidos, busca-se destacar a lógica prevista pela manutenção da exclusão tanto em Schwarz, quanto em Baptista, quando o garantido pelo prolegômeno da argumentação não cessa a possibilidade de levarmos em consideração a importância da própria chance de, enquanto estamos agregando certas lógicas comunitárias, pressupormos a exclusão da diferença, do dissenso, etc.

Beto *marvadeza* Schwarz

“Leituras em Competição” (2006) tem como pressuposta a possibilidade de ver, perante novas traduções machadianas para o inglês nos Estados Unidos, que há diferença direta e enunciada no fato de se produzirem, a partir disso, leituras não-nacionais de suas obras. Entre o nacional e os não-nacionais, uma aporia que não se resolve, por ser ela mesma uma aporia: a escolha, que na verdade não é uma escolha, por não se escolher de fato ser não-nacional, já gera um correlato de existir ali uma perda, ao se interessar pela obra de um autor de alhures e tecer algum tipo de reflexão e comentário em torno do mesmo. A ideia da competição vem como pressuposto da leitura schwarziana de *A república mundial das Letras* (2002), de Pascale Casanova, reforçando a ideia de que, mesmo sendo uma felicidade ao campo de estudos machadianos ver seu autor alcançando um patamar internacional, o sabor final tinha um certo retrogosto estranho, ao ver o tipo de exercício feito pelos analistas mundo afora.

Partindo de uma resenha publicada por Michael Wood (2005) a partir das novas traduções de Machado nos Estados Unidos, Schwarz tenta um balanço em torno das leituras dos tempos do presente, das teorias do momento (lê-se: os pós-modernos e os desconstrucionistas) *versus* a leitura nacional. Para o primeiro grupo, retoma a “lição” de Caldwell (que Wood não cita), para demonstrar que mesmo leituras comparatistas (e parece ser esse o grande problema) podem atingir bons resultados que, todavia, são sempre insuficientes porque, a partir da comparação, chegam em lugares um tanto aquém do esperado, caso se considerasse a leitura nacional, ou ao menos a importância do nacional para a leitura em si.

Essa espécie de possibilidade de ler o livro fora do nacional, sendo a obra produzida na periferia do mundo capitalista subdesenvolvido, gera sempre falta e falha na percepção de leitura: Caldwell acertou, mas em paralaxe; Wood talvez tenha chegado em algum ponto, mesmo não sendo especialista em Machado. Por serem filiados, a partir de Schwarz, às “teorias da moda”, como o autor as considera em “Fim de século”, recolhido em *Sequências Brasileiras* (1999), já há aí deficiência por osmose, uma espécie de laudo programado a partir da opinião

já prévia que vê na não observação da localidade algo a já ser sobredeterminado como ruim.

Creio que o seguinte ponto sintetize aquilo que, mesmo aqui, já se dispõe de forma também resumida:

A certa altura de seu ensaio, que leva em conta a crítica brasileira, Wood propõe uma dissociação sutil. As relações com a vida local podem existir, tais como apontadas, sem entretanto esclarecer a “maestria e modernidade” do escritor. Ou, noutra passo: seria preciso interessar-se pela realidade brasileira para apreciar a qualidade da ficção machadiana? Ou ainda, a peculiaridade de uma relação de classe, mesmo que fascinante para o historiador, não será “um tópico demasiado monótono para dar conta de uma obra-prima?” E, finalmente, faltaria saber “por que os romances são mais do que documentos históricos”. Não há resposta fácil para essas questões, que não recusam as ligações entre literatura e contexto, mas situam a qualidade num plano à parte. As perguntas têm a realidade a seu favor, pois é fato que a reputação internacional de Machado se formou sem apoio na reflexão histórica. Tomando recuo, digamos que elas, as perguntas, resumem a seu modo a situação atual do debate, em que se perfilaram uma leitura nacional e outra internacional (ou várias não-nacionais), muito diversas entre si (Schwarz, 2006 64).

Um tanto adiante, eis outra maneira de se dizer os mesmos termos:

[...] veja-se que o Brazilian Othello causou uma viravolta memorável em nosso meio, sem ser forte em seu próprio terreno: conforme entra pelas semelhanças e diferenças de personagens machadianas, shakespearianas e outras, postas para flutuar na região comum das obras universais, onde tudo se compara a tudo, Caldwell vai se perdendo no inespecífico, para não dizer arbitrário. A verdade é que o melhor de sua intervenção — o tino para a má-fé do pseudo-autor — não frutifica no âmbito comparatista, e sim no da reflexão nacional. Esta última, demasiado bloqueada para enxergar o artifício machadiano, fizera um papelão. Por isso mesmo, entretanto, uma vez esclarecida a respeito, era ela quem tinha mais elementos para lhe apreciar o gume e explicitar o alcance, seja artístico, seja de crítica de costumes, seja político. Em suma, o resultado substancioso do livro foi a inviabilização da leitura conservadora de um clássico nacional, até então assegurada por uma aliança tenaz de convencionalismo estético e preconceitos de sexo e classe. A solidez social dessa liga conferiu aos novos argumentos um valor de contestação inesperado, que escapa à imaginação das teorias literárias universalistas. Invertendo a blague inicial da Autora, segundo a qual só anglófonos e shakespearianos teriam condições de apreciar Machado de Assis, digamos que foi no ambiente saturado de injustiças nacionais e

de história que o achado universalista adquiriu a densidade e o impulso emancipatório indispensáveis a uma ideia forte de crítica (Schwarz, 2006 71-72).

De certa forma, entre as idas e vindas das competições entre as leituras, Schwarz tenta responder àquilo que vai elaborando enquanto a possibilidade de dominação dos não-nacionais para o modo de entendimento do nacional, quando vai escrevendo, ao mesmo tempo, a leitura do outro não nacional e a leitura correta de Machado de Assis, i.e., a vertente escolhida pelo autor como a explicação etapista da crítica literária brasileira, a desembocar na sua própria tese em torno do autor. Partindo de certa altura do século XIX, nota-se que

[o] percurso da crítica brasileira no mesmo período foi distinto. Ela não tinha diante de si um grande escritor desconhecido, mas, ao contrário, o clássico nacional anódino. Embora fosse coisa assente, a grandeza de Machado não se entroncava na vida e na literatura nacionais. A sutileza intelectual e artística, muito superior à dos compatriotas, mais o afastava do que o aproximava do país. O gosto refinado, a cultura judiciosa, a ironia discreta, sem ranço de província, a perícia literária, tudo isso era objeto de admiração, mas parecia formar um corpo estranho no contexto de precariedades e urgências da jovem nação, marcada pelo passado colonial recente. Eram vitórias sobre o ambiente ingrato, e não expressões dele, a que não davam sequência. Dependendo do ponto de vista, as perfeições podiam ser empecilhos. Um documento curioso dessa dificuldade são as ambivalências de Mário de Andrade a respeito. Este antecipava com orgulho que Machado ainda ocuparia um lugar de destaque na literatura universal, mas nem por isso colocava os seus romances entre os primeiros da literatura brasileira (Schwarz, 2006 62-63, grifos do autor).

O século XX, a etapa seguinte, pensa da seguinte forma:

O centro da atenção desloca-se para o processamento literário da realidade imediata, pouco notado até então. Em lugar do pesquisador das constantes da alma humana, acima e fora da história, indiferente às particularidades e aos conflitos do país, entrava um dramaturgo malicioso da experiência brasileira. [...] Mal ou bem, os cronistas e romancistas cariocas haviam formado uma tradição, cuja trivialidade pitoresca ele soube redimensionar, descobrindo-lhe o nervo moderno e erguendo uma experiência provinciana à altura da grande arte do tempo. Quanto ao propalado desinteresse do escritor pelas questões sociais, um dos principais explicadores do Brasil pôs um ponto final à controvérsia: sistematizou as observações de realidade

espalhadas na obra machadiana, chamando a atenção para o seu número e a sua qualidade, e com elas documentou um livro de 500 páginas sobre a transição da sociedade estamental à sociedade de classes. O trabalho escravo e a plebe colonial, o clientelismo generalizado e o próprio trópico, além da Corte e da figura do Imperador, davam à civilização urbana e a seus anseios europeizantes uma nota especial. Compunham uma sociedade inconfundível, com questões próprias, que o romancista não dissolveu em psicologia universalista — contrariamente ao que supôs o historiador [i.e.: Wood] (Schwarz, 2006 63).

As referências dessa seção, para o autor, são Mário de Andrade, “Machado de Assis (1939)”, Antonio Candido, com “Esquema de Machado de Assis” (1968/2023), e Raymundo Faoro, com *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio* (1974). O passo final é a chegada ao seu modo de observar e produzir a crítica machadiana:

Nas etapas seguintes desta virada, que ainda está em curso, a *composição*, a *cadência* e a *textura* do romance machadiano foram vistas como *formalização artística* de aspectos peculiares à ex-colônia, apanhados onde menos em falta e mais civilizada ela se supunha. Explorados pela inventiva do romancista, esses aspectos ganhavam conectividade e expunham a teia de suas implicações, algumas das quais muito modernas, além de incômodas. As peculiaridades prendiam-se a) ao padrão patriarcal; b) a nosso mix de liberalismo, escravidão e clientelismo, com os seus paradoxos estridentes; c) à engrenagem também *sui generis* das classes sociais, inseparável do destino brasileiro dos africanos; d) às etapas da evolução desse todo; e e) à sua inserção no presente do mundo, que foi e é um problema (ou uma saída) para o país, e aliás para o mundo. [...] Assim, embora notória por desacatar os preceitos elementares da verossimilhança realista, a arte machadiana fazia de ordenamentos nacionais a disciplina estrutural de sua ficção. Sem prejuízo da diferença entre os críticos, a natureza complementar dos trabalhos que levaram a essa mudança de leitura se impõe, sugerindo uma gravitação de conjunto. Passo a passo, o romancista foi transformado de fenômeno solitário e inexplicável em continuador crítico e coroamento da tradição literária local; em anotador e anatomista exímio de feições singulares de seu mundo, ao qual se dizia que não prestava atenção; e em idealizador de formas sob medida, capazes de dar figura inteligente aos descompassos históricos da sociedade brasileira (Schwarz, 2006 63-64, grifos do autor).

São referências do resumo de Schwarz, que simboliza uma espécie de ponto de

parada da crítica machadiana, mesmo se com diferenças entre colocá-las nesse bojo final do pensamento, como visto em outros textos do autor quando o mesmo menciona alguns dos nomes selecionados de suas referências: Silviano Santiago, “Retórica da verossimilhança” (1978); Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas* (1977) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990); Alfredo Bosi, “A máscara e a fenda” (1982); John Gledson, *The deceptive realism of Machado de Assis* (1984) e *Machado de Assis: ficção e história* (1986); José Miguel Wisnik, “Machado Maxixe: o caso Pestana” (2004).

Para a (boa) crítica importaria, então, o conhecimento das tensões de classe e o processo de subsunção de uns perante outros, porque isso estaria dentro da própria construção argumentativa velada de Machado, de seu projeto crítico de Brasil ao, por exemplo, retornando a Bentinho, desvelar o processo de benevolência e autocomplacência entre homens brancos de classe alta que nunca duvidaram de tal narrador, um dos seus. O fato de toda essa construção se perder, a partir da entrada da internacionalização de Machado, funciona como uma espécie de atestado funesto para a área da leitura nacional, ou seja, aquela que busca mais uma vez voltar a ler Machado, a partir dos dilemas de classe fundados pela modernidade escravocrata brasileira, e como tudo isso se reflete e instaura, tanto na forma, quanto no conteúdo, uma maneira de ler e pensar não só Machado de Assis.

Perder isso, de certa maneira um tanto pessimista, significaria perder a possibilidade de imaginar, até mesmo, a produção de senso crítico dentro do capitalismo tardio, no qual o paradigma do desenvolvimento já se configura como uno e desigual, dentro da República Mundial das Letras. As tensões entre um modo e outro que, no sistema, podem fazer com que o subdesenvolvido e sua produção epistêmica sejam desvalorizados, a menos que dentro de seu próprio contexto de produção, passam a ser matizados e questionados pela parte final do texto de Schwarz, uma análise entre a dialética do universal e do particular a partir da inscrição e apagamento de Lucrecia dentro da história de Martinha. Se a duplicidade dos termos e das possibilidades no conflito não estão resolvidas em Machado e em sua época, parece ser um tanto não indecisa a escolha de Schwarz pelo local em detrimento do universal, ainda que, em sua resolução final, aponte Machado como um autor avesso à unilateralidade, sem respostas fáceis, que apostava nas decalagens das dicotomias tais quais impostas nas formas sociais e literárias de seu tempo, traduzindo-as e matizando-as com a dupla de humor e horror pela qual se torna conhecido.

Outras tensões dentro desse próprio movimento que, mesmo enquanto crente de ser

descrito como movimento, tem suas tendências, podem ser vistas a partir do comentário de Barros Baptista para as competições de leitura em Schwarz.

Abel, de uma forma *européiamente* cosmopolita, Baptista

O ponto de partida de Baptista, em “Ideia de Literatura Brasileira com propósito cosmopolita” (2009), já é uma consideração necessária do que é ser estrangeiro partindo do princípio de que, mesmo dentro de uma língua em comum, considerar o de fora como algo alienígena ao de dentro pode ser diferente entre os pressupostos dos falantes de português em duas partes do mundo, já partindo da ideia de que, talvez, o tal provincianismo ao qual se dirige Schwarz aos “de fora” seja, em realidade, daqueles a verem o provinciano como o redutor do “de fora = de fora” (exterior = exterior), sem considerar que, ali, existem pessoas. E a interferência disso no processo de construção do saber em torno da instituição literária se mostra já a partir da própria construção do que é a universidade e a universalidade nos termos de Baptista: se é reflexo de uma instituição que, decerto, se internacionaliza, o nacional parece ser sempre um substrato a marcar um lado negativo para aquele a quem o apego parece fazer o movimento de sobressair o segundo em detrimento do primeiro, ainda mais quando se fala na pesquisa em torno de algo como a literatura. Isso se dá da seguinte forma, no texto de Baptista (2009 62):

Usamos “o estrangeiro”, e diríamos “estudos de literatura portuguesa no estrangeiro”. Mas talvez disséssemos “estudos de literatura brasileira no estrangeiro” mais depressa do que estudos de literatura brasileira “fora do Brasil” ou “no exterior do Brasil”; a mesma construção valendo, aliás, para outras literaturas, seja a inglesa, a alemã ou a italiana: como se houvesse uma substantivação de “o estrangeiro” que o “exterior” já não alcançou. Digamos que há sempre o “estrangeiro”, e sempre se sabe o que é: o “exterior”, por seu lado, requer determinação.

O destaque à instituição em si no argumento de Baptista é notório para que se possa construir uma outra forma argumentativa a, inclusive, questionar os argumentos de Schwarz, de modo não a desmerecê-lo ou transformá-lo em algo inferior por ser brasileiro, ou pelo modo de leitura realizado pelo autor, a partir de uma perspectiva cosmopolita europeia. Local e universal se tornam inimigos no raciocínio de Schwarz, defende Baptista, cujo corolário final é a própria inimizade ao de fora, inclusive não somente no sentido figurativo de interpretação literária, temas ou críticas, partindo do próprio paradigma da formação da literatura brasileira

como um mecanismo de exclusão da diferença e, logo, da exclusão da entrada do nacional em qualquer espécie de cosmopolitismo que acolha o diferente, i.e., o estrangeiro, dentro de sua morada, figurativa ela ou não:

Produzir a verdadeira e exacta história da crítica machadiana, também chamada “leitura nacional”, é o principal meio de defesa contra a crítica que a põe em causa: é o meio de mostrar ao elemento hostil a dimensão e a força daquilo em que está a tocar. Não há nenhuma inocência na precisão com que Schwarz sublinha que Wood não é “especialista em Machado, nem brasilianista, mas um crítico e comparatista às voltas com a latitude do presente”: é o mesmo que dizer que esse crítico é alguém de fora e que está por fora, estrangeiro que permanece duplamente no exterior: tocando num livro, fazendo o reparo de que não responde à questão do cómico sombrio, o crítico estranho toca numa tradição, num processo intelectual demorado – num país. Talvez sem se aperceber disso, e então o crítico severo e carrancudo sai do recolhimento e explica, e brandamente repreendendo-o, assim se defende (Baptista, 2009 84).

A exemplificação de Baptista, com as próprias referências de Schwarz, reafirma a diferença das proposições analíticas, por exemplo, de Antonio Candido, a partir do raciocínio na *Formação da Literatura Brasileira* e em “Esquema de Machado de Assis”. É necessário, no entanto, mediante a economia textual, tomar como pressuposto que os leitores deste texto conhecem tais referências e raciocínios de Candido, mesmo sendo de fato muito interessante pensar tanto os textos em si, quanto as leituras de Baptista e Schwarz, a partir dessa bibliografia em comum.

O que gostaria de ressaltar, como exemplificação de Baptista, é que ali mora uma dicotomia viva no método analítico de Candido, como ele pontua: o Candido da *Formação* e o de “Esquema” se anulam a partir das premissas teóricas tomadas como pressupostos para justificar seus próprios paradigmas, em uma espécie de prolegômeno não questionável. Enquanto o primeiro vê Machado como a epítome do paradigma, exemplificando o melhor da tradição e o último dos nacionalistas possíveis, o segundo o vê a partir de uma lógica internacional *a partir* do comparatismo, excluindo, proponho eu, até mesmo a importância, a relevância e a determinação necessária de que estamos falando de um autor negro em um Brasil escravocrata. A inserção de Machado por Candido no cânone, pela comparação com Sterne e Kafka, anula a fomentação do autor como um *continuum* e o transforma em uma ruptura,

para Baptista, e, acrescento: a raça segue subsumida nos dois.

Afinal, seja no cânone nacional, ou no internacional, Candido exclui a possibilidade de sequer vermos a importância da discussão racial em Machado, entendendo-o como um fator que não deve ser levado em consideração; isso está, até mesmo, posto nas primeiras linhas de “Esquema de Machado de Assis” (2023 16, grifo do autor): “[a] cor parece não ter sido motivo de desprestígio, e talvez só tenha servido de contratempo num momento brevemente superado, quando casou com uma senhora portuguesa. E sua condição social nunca impediu que fosse íntimo desde moço dos filhos do conselheiro Nabuco, Sizenando e Joaquim, rapazes *finos* e cheios de talento”. Voltando para Baptista, nessa relação entre *os Candidos*, nas palavras do autor:

O segundo Candido é melhor ou pior do que o primeiro? Dir-se-á que se complementam, que o primeiro valoriza o local, o segundo, o universal, polos necessários de qualquer descrição rigorosa da obra machadiana, etc. A verdade, porém, é que o segundo Candido não tem lugar para o primeiro, e este não admite o outro. Decerto Antonio Candido, crítico inteligente e informado, não teria duvidado de que o seu auditório na Flórida ou no Wisconsin havia de permanecer razoavelmente indiferente se ele insistisse em explicar-lhes que a grandeza de Machado decorre de ter estudado Macedo e superado Alencar: não porque os desconhecesse, mas porque o protagonista dessa explicação não seria nenhum deles, nem sequer Machado, seria a narrativa da “formação da literatura brasileira” – a narrativa que precisamente os constitui estrangeiros diante de Machado. Em vez disso, o que Candido faz não é diluir a originalidade de Machado de Assis tornando-o aceitável ou tolerável pelo estrangeiro ignorante das coisas brasileiras, nem valorizar o universal em detrimento estratégico do local: generosamente, deveríamos interpretar a diferença do segundo ensaio à luz de um princípio de filantropia literária, digamos assim, que consiste em procurar tornar inteligível e apreciável um escritor a quem quer que se interesse por escritores e literatura, ou seja, em fazer que o estrangeiro, diante da sua obra, não depare com nenhuma barreira que torne absoluta a sua condição de estrangeiro (Baptista, 2009 78).

Para Schwarz, no entanto, muitas são as diferenças e as valorações de um e outro, sendo possível também perceber isso no raciocínio de Baptista, mesmo se muito mais pela alusão do que pela interdição do dissenso. Tal prolegômeno do “Esquema” não se mostra interessante ou sequer citado, valendo muito mais as noções criadas a partir do paradigma da Formação: se um anula o outro em Candido, Schwarz anula previamente a possibilidade de anulamento em

si e segue o ritmo da análise da Formação para justificar a importância da ideia de competição em seu prolegômeno de perguntas a abrirem seu texto, tentando fortalecer a existência de diferenças nas leituras, sendo o sumiço do nacional quase um crime, já que seu raciocínio é a metonímia da consequência do mais rico pensamento crítico brasileiro, do específico, sobre o Brasil. Já para Baptista, essa consequência exclui não só a pluralidade da leitura nacional, feita por quem se interessa pelo Brasil, mas expulsa também a própria chance de que “pessoas de fora” leiam Machado: o duplo apagamento tanto cria um estrangeiro único, ainda que sejam os “não-nacionais” em Schwarz, como impede a leitura nacional de ser, inclusive, mais de uma.

Se as perguntas de Baptista buscam pensar o lugar do estrangeiro nos estudos de literatura brasileira, assim como tentar outra explicação para o humor e o horror em Machado, sua proposta de entendimento da literatura como a instituição da hospitalidade incondicional fica exemplificada e prometida para maiores detalhamentos em outros instantes e produções, dado que o foco ali, talvez, seja exatamente perceber as dificuldades encontradas na própria aproximação entre os campos portugueses e brasileiros, quando a matéria de estudo se torna o segundo. A possibilidade de interpretação de Baptista parece concordar com a argumentação de Wood, um certo “ok, claro... entendemos que a escravidão importa, mas e o humor?” como não explicado em Schwarz e que permanece como ponto de importância para a leitura dos outros leitores de Machado – uma dupla assertividade estranha, por parecer exigir a manutenção da categoria dicotômica, dado que, nesse entendimento, só se interessariam pelas profundas consequências da escravidão no Brasil aqueles a se interessarem por Machado e pelo Brasil, não somente por Machado, quase como o que de fato parece ser certa parte da recepção do autor, tal qual a de Candido no “Esquema”, quando o mesmo reforça: raça não importa para que se pense autores negros na formação do Brasil, ainda mais quando se busca entender a própria ideia da formação como homogeneização via universalização (i.e., em um raciocínio à beira do etnocídio (Moraes, 2023)), o qual, por sua vez, em terras brasileiras, significa também opressão e exclusão do diferente.

Por fim, dois lados, duas medidas, dois inimigos. Se, como cita e reforça Baptista (2009 63-66), a hospitalidade incondicional é kantiana, me apoiaria no dito por Derrida (2000) em torno da mesma. Caso a hospitalidade seja entendida enquanto possibilidade de permanência/direito de estadia àquele que chega, hóspede e hospedeiro continuarão em tensões ad eternum exatamente por cada um deles ser o oposto do outro. A hostilidade, ainda que pareça tão distante da hospitalidade, é sempre o passo seguinte, ou, melhor dizendo, o

passo imediatamente ao lado do dado por quem declara as portas abertas para quem quer que chegue. Amizade e hospitalidade não são somente o diâmetro oposto do outro lado do espectro da inimizade e da hostilidade: são sua mesma moeda, por serem o outro ponto da dicotomia, na qual cada um só pode ser entendido como o oposto do outro, nunca uma coisa outra em si. Uma hospitalidade incondicional precisaria, assim, aprender algumas outras lições a partir dessa própria noção conflituosa que se reforça entre o hóspede e o hospedeiro, o local e o universal, Schwarz e Baptista. Mas ainda não se chegou lá, caso permaneçamos somente lendo os dois, um em detrimento do outro.

Poderíamos encerrar aqui, postulando algo como: em leituras em competição, em uma hospitalidade kantiana, ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas. No entanto, sigamos ainda mais um nó no parafuso espanado.

Sequestros e conclusões para o porvir... pós-colonial

Um nome estranhamente sequestrado da discussão toda pode, por fim, não só juntar as duas proposições, mas também pontuar e aprofundar uma série de questões que fariam as pontuações de Schwarz e Baptista se entrelaçarem, talvez, de um modo não previsto por ambos, ou ao menos não sendo assumido como possível, exatamente por partirem do pressuposto de que suas formas de análise são antagônicas.

A certa altura do texto de Schwarz, uma cidade é citada, sem paralelo específico à linha teórica que deveria aparecer ali: Nova Deli. Eis o trecho:

Nessa perspectiva, uma obra de terras distantes, como a de Machado de Assis, na qual se possam estudar com proveito — suponhamos — os procedimentos retóricos do narrador, as ambiguidades em que se especializam os desconstrucionistas, a salada estilística do pós-modernismo etc., estará consagrada como universal e moderna. A natureza sumária desse selo de qualidade, que corta o afluxo das conotações históricas, ou seja, das energias do contexto, salta aos olhos. É claro que não se trata de desconhecer o bom trabalho feito no interior de cada uma dessas linhas críticas, que só pode ser discutido caso a caso, mas de assinalar o efeito automático e conformista das assimetrias internacionais de poder. Por outro lado, a cesta de teorias literárias em voga nas pós-graduações dos Estados Unidos é heterogênea por sua vez, originária em boa parte de lugares tão pouco americanos quanto a União Soviética, Paris ou Nova Déli, e neste sentido

não parece uniformizadora (Schwarz, 2006 66).

Paris representa os desconstrucionistas; os Estados Unidos, os pós-modernistas. E o que faz Nova Deli ali? Quem aparece sem aparecer, quem não tem direito ao nome, nesse movimento? Apostaria em: Gayatri Chakravorty Spivak e o pós-colonialismo. Professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de Columbia, diversos dos projetos de Spivak fariam, creio eu, com que hospitalidade incondicional e entrada do nacional no plano da Literatura Mundial, a partir de locais distantes na periferia do capitalismo tardio, funcionassem de maneira crítica e, ainda assim, potente para o futuro, sem se reforçar a crença na qual a competição e a subsunção do nativo do mundo subdesenvolvido fossem o mecanismo de regra, tal qual prevê, por exemplo, a ideia do etnocídio pela humanização/internacionalização do colonizado para o alcance da universalidade (como em *Candido* (Moraes (2023))).

Se o mundo como conhecemos hoje é formado pela constante migração de pessoas de diversas partes do globo, de fato estamos o tempo todo lidando com nativos de algum lugar do mundo, deslocados/descolocados de seu lugar de “origem” (Spivak, 2003). A categoria do nativo, inclusive, funcionou e segue funcionando como justificativa colonial perante o colonizado, para que, na invasão, se encontrassem justificativas do “lado de lá” pelos crimes e atrocidades cometidos “do lado de cá”: ao considerar que seu Outro, ou seja, aquele a morar e ser “da colônia” pode ser decifrado como uma espécie de folha transparente, sem inscrição alguma de desejos e/ou opacidade, o que se reforça é, ao mesmo tempo, que a opressão da colonização cria tanto um nativo/colonizado facilmente legível pelo colonizador, assim como a própria transparência acima da transparência no colonizador (Spivak, 2014; 2022).

Isso, em termos de literatura e literatura comparada, gera uma instância na qual a própria universalidade da universalidade deveria ser questionada como o ponto gerador de toda a problemática do particular. Se o nacional precisa ser considerado como interessado e interessante somente para/pelo nativo, toda a fantasia só é criada por uma máquina desejante de se ver e ser vista como o outro lado inquestionável (a crítica literária). Se estamos reforçando que é interessante e necessária, de certa forma, a saída dos lados das fronteiras, torna-se necessário abrir-se para a diferença, para o Outro, assim como determinar aquele a nos determinar como outro, como também um outro, não o Mesmo, muito menos o universal.

A categoria utilizada para isso se torna a própria figura do planeta, dentro de seus trânsitos, assim como a junção de duas áreas: Estudos de Área (Area Studies) e Literatura

Comparada (Spivak, 2003). Ao se suplementarem, algumas coisas se tornam necessárias. O primeiro passo é a não-dependência somente do acesso à literatura “particular” via tradução, diferentemente, por exemplo, do sugerido por Franco Moretti (2000). É necessário o passo do estudo e entendimento da língua do Outro como ela mesma se estrutura e se diferencia, para se perceber e se outrizar de uma forma não prevista pelos mecanismos de entendimento, por exemplo, do inglês (WReC, 2020), no caso apresentado desde o início dessa descendência argumentativa (Spivak, 2003; 2012).

O outro passo, a partir do momento em que as ferramentas dos Estudos de Área se suplementam à área da Literatura Comparada, é a apresentação e a leitura dos registros literários de alhures. Dado o intenso nível de internacionalização, por exemplo, de algumas universidades no mundo, assim como a recepção de alunos estrangeiros em partes, mesmo se escassas, no Brasil, é possível notar como estamos o tempo todo permeados por noções calcadas na diferença, criadas a partir da perspectiva de que o Outro, de certa forma, já nos define, mesmo se não temos tal noção. A saída de si, mediante a leitura e o ensino de literatura, assim como a chegada do sujeito nativo a partir da perspectiva de que ali se encontra um Outro, é também já a chegada de alguém que é sim um sujeito nacional, seja ele de qual parte for, desse tal processo de mudança e exclusão de suas próprias fronteiras, mas que, ao mesmo tempo, não representa nem a nação como um todo, pluralizando, assim, não só a forma de ler, mas também de ser o nacional (Bhabha, 2013); além disso, pluraliza-se também o que de fato se poderá construir a partir de todos esses encontros, sendo reconhecidos como tais (Spivak, 2003; 2016).

Essa estrutura, no entanto, precisa se mostrar como aberta, incerta, mesmo sendo, mais uma vez, seletiva, construída a partir da exclusão. Dada a desigualdade do acesso, na medida pela qual as instituições fundantes da Modernidade se constroem a partir do evento da colonização, da subsunção de uns perante outros e da construção de conhecimento em redes intrínsecas que tentam transformar toda a experiência moderna em uma espécie de Destino Manifesto metafórico, vendo a Europa como quase uma espécie de faroleira do Mundo (Derrida, 1991), tentar entender a posição na qual se pode analisar, inclusive, a Literatura como reflexo desse mundo, não deveria precisar de um movimento de subsunção de critérios como raça, gênero, entre outros, para a preferência da classe, como parece fazer Schwarz quando supõe no último uma espécie de ferramenta-modelo que já engloba todos os outros fatores e formas de opressão.

Se acompanharmos, através de Spivak (2003; 2012; 2022), notaremos que, tanto os Estudos de Área, quanto os de Literatura Comparada, se suplementam, sendo possível ver como também o próprio marxismo pode ser foco de tal movimento. Dessa forma, observar as desigualdades do acesso como a maneira pela qual, no Ocidente, a partir da época colonial, são determinadas diversas categorias (como a própria noção de literatura, de nacional, de valor, etc.) a partir da subsunção de uns perante outros (chegando na aproximação já suplementada de Schwarz), podemos pensar outras maneiras pelas quais a hospitalidade incondicional, em sua forma já globalizada e planetária, tendo que lidar com intensos fluxos permeados por uma diferença ignorada por Baptista (a racial, de gênero, etc.), seria possível já começar a testar, rever e imaginar, dando importância a cada uma dessas categorias, a sempre necessária conta de “Quantos [e quais] somos nós?” (Spivak, 2003), levando em consideração a própria necessidade de se rever, a todo e qualquer instante, como contamos, como delimitamos espaços e como determinamos o que pode, ou não, entrar no grande espaço do ensino, da pesquisa e do pensamento em torno da Literatura.

Como promessa, portanto, este texto se encerra na abertura da própria experimentação, entendendo que o porvir é, assim, aquilo a conseguir determinar, de outra forma, como todos esses problemas podem ser tensionados de uma maneira outra, totalmente outra. Como encerra Spivak (2003): simples assim.

Nota

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2022/15480-7.

Referências

- BAPTISTA, A. B. Autobiografias. *Folha de S. Paulo*, 1998. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs28039918.htm. Acesso em 19 dez. 2023.
- BAPTISTA, A. B. Ideia de Literatura Brasileira com propósito cosmopolita. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 15, 2009, pp. 61-88.

ABEI Journal – The Brazilian Journal of Irish Studies, v. 26, n. 2, 2024.

- BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CAMPOS, A. d. Beto ‘marvadeza’ Schwarz. *Folha de S. Paulo, 1985*. Disponível em: <https://edicaodigital.folha.uol.com.br/>. Acesso em 20 nov. 2023.
- CANDIDO, A. Esquema de Machado de Assis. *Vários escritos*. São Paulo: Todavia, 2023, pp. 15-35.
- CASANOVA, P. *A república mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DERRIDA, J. A mitologia branca: a metáfora no texto filosófico. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim T. Costa e Antônio M. Magalhães. São Paulo: Papyrus Editora, 1991, pp. 249-314.
- DERRIDA, J. Hospitality. Trad. Barry Stocker e Forbes Morlock. *Angelaki*, v. 5, n. 3, dez./2000, pp. 3-18.
- MELO, A. C. B. de. Pressupostos, salvo engano, de uma divergência silenciosa: Antonio Candido, Roberto Schwarz e a modernidade brasileira. *ALEA*, v. 16, n. 2, 2014, pp. 403-420.
- MORAES, A. M. R. de. *Contornos humanos: primitivos, rústicos e civilizados em Antonio Candido*. Recife: Cepe Editora, 2023.
- MORETTI, F. Conjecturas sobre a literatura mundial. In: SADER, Emir (Org.). *Contracorrente: o melhor da New Left Review em 2000*. Trad. Luiz Antônio Aguiar e Marisa Sobral. Rio de Janeiro: Record, 2001, pp. 45-64.
- SCHWARZ, R. Fim de século. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 155-162.
- SCHWARZ, R. Leituras em competição. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 75, jul./2006, pp. 61-80.
- SPIVAK, G. C. *Death of a discipline*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2003.
- SPIVAK, G. C. *An Aesthetic Education in the Era of Globalization*. Nova Iorque: Harvard University Press, 2012.
- SPIVAK, G. C. *Pode o Subalterno Falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.
- SPIVAK, G. C. Humanities, democracy and the politics of knowledge in higher education. In: SAMUEL, M. A. et al (Eds.). *Disrupting Higher Education Curriculum: undoing cognitive damage*. Nova Iorque: Springer Publishers, 2016.
- SPIVAK, G. C. *Crítica da razão pós-colonial: por uma história do presente fugidio*. Trad. Luca Carpinelli. São Paulo: Politeia, 2022.

ABEI Journal – The Brazilian Journal of Irish Studies, v. 26, n. 2, 2024.

WOOD, M. Um mestre entre ruínas. Trad. Samuel Titan. *Teresa*, n. 6-7, 2005, pp. 504-510.

WReC. *Desenvolvimento combinado e desigual: por uma nova teoria da Literatura-Mundial*. Trad. Gabriela B. Zanfalice. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.